

# Observação sobre um urutau sendo molestado por um grupo de aves

ISSN 1981-8874



**Leandro de Castro Siqueira**  
Email: [comportamento.animal@gmail.com](mailto:comportamento.animal@gmail.com)

**Abstract.** Literature is rich in studies on birds mobbing their predators. However, I describe a typical observation of a mobbing directed to a Common Potoo (*Nyctibius griseus*), which is not supposed to be a predator of any of the avian species involved. This suggests mobbing can have other functions independent from the strategy to avoid predation.

O comportamento em que aves se reúnem em grupo para importunar e, às vezes, até atacar um potencial predador é denominado *mobbing* em Inglês. Em Português ainda não foi cunhado um termo apropriado que seja usado universalmente pelos falantes da língua. À parte a definição de um termo próprio em português, a própria explicação do significado desse tipo de comportamento para os animais que o executam (além de aves, já foi observado em mamíferos e peixes) necessita de mais estudos e de observações em condições naturais. As funções do *mobbing*, as causas que o provocam e sua evolução ainda não foram elucidadas pelos estudos até agora realizados.

Quando as aves estão a importunar o suposto predador, ficam próximas a ele, vocalizam intensamente, movimentam-se continuamente, ora em sua direção, ora se afastando. Outras espécies de aves geralmente são atraídas e se juntam às que iniciaram as ameaças. Nesse frenesi, até mesmo aves tímidas perdem sua cautela, o que permite a um observador chegar bem próximo delas. Por essa razão, ficam vulneráveis não somente ao ataque do predador que está sendo perturbado (há várias menções na literatura científica de ataques desse tipo), mas também a outros predadores que porventura passem por perto e sejam atraídos pela algazarra.

Além da vulnerabilidade a ataques de predadores, as aves que se

engajam nesse agrupamento gastam energia e deixam de executar outras atividades importantes para sua vida, como procurar alimento. Como se acredita que comportamentos só se perpetuem durante a evolução das espécies se os benefícios que eles trazem sejam maiores que seus custos, espera-se que o *mobbing* seja vantajoso para o animal que o executa, para sua prole direta (ovos ou filhotes) ou para indivíduos do grupo com quem tenha parentesco.

As várias hipóteses que tentam explicar o *mobbing* propõem que ele possa ser: uma tentativa que a presa faz de expulsar o predador da área, ou de mostrar ao predador que ele foi avistado; a transmissão, pelos indivíduos mais velhos de um grupo aos mais jovens, de informação referente à ameaça que o animal-alvo pode representar; uma forma de vigiar a atividade de um possível predador; uma forma de cuidado parental, já que é observado mais frequente e intensamente na época reprodutiva. Em todas essas hipóteses, a ameaça de predação (suposta ou real) é uma condição necessária.

Entretanto, acumulam-se observações de *mobbing* dirigido a animais considerados inofensivos aos seus agressores, o que sugere que outras explicações sejam possíveis. Este artigo visa contribuir não apenas para melhor entender o *mobbing*, mas também aumentar o conhecimento sobre o urutau, já que as informações sobre essa ave ainda são escassas, especialmente no Brasil.

No dia 3 de maio de 2007 tive oportunidade de observar um grupo de aves molestando um urutau (*Nyctibius griseus*) numa área urbana de Brasília, Distrito Federal. O urutau estava pousado numa árvore próxima a uma calçada, tipicamente imóvel e com seus olhos fechados. Eu passava próximo, e a algazarra atraiu minha atenção. Pude registrar dois bem-te-vis (*Pitangus sulphuratus*), três joões-de-barro (*Furnarius rufus*), e sete sabiás-do-campo (*Mimus saturninus*). O *mobbing* continuou de 17:00 h até as 17:15 h,



*Nyctibius griseus* sendo molestado por sabiá-do-campo *Mimus saturninus*

bana de Brasília, Distrito Federal. O urutau estava pousado numa árvore próxima a uma calçada, tipicamente imóvel e com seus olhos fechados. Eu passava próximo, e a algazarra atraiu minha atenção. Pude registrar dois bem-te-vis (*Pitangus sulphuratus*), três joões-de-barro (*Furnarius rufus*), e sete sabiás-do-campo (*Mimus saturninus*). O *mobbing* continuou de 17:00 h até as 17:15 h,

quando as últimas aves, os sabiás-do-campo, deixaram o urutau em paz.

Porém, 10 minutos depois, o bando de sete sabiás-do-campo voltou, importunando o urutau mais intensamente. Um indivíduo continuamente voava sobre o urutau, chegando a 20 cm de distância. Outro indivíduo pousou no mesmo ramo de árvore ocupado pelo urutau, a uma distância de aproximadamente 40 cm, vocalizando e repetidamente movendo ambas as asas na direção do urutau. O barulho atraiu outras aves e, em menos de 5 minutos, chegaram três joões-de-barro. Depois, dois bem-te-vis, dois tico-ticos (*Zonotrichia capensis*) e um suiriri (*Tyrannus melancholicus*) foram integrando o grupo.

Os joões-de-barro vocalizavam a cerca de 60 cm do urutau. O suiriri mostrava-se bastante excitado, fazendo acrobacias no ar, mas a cerca de 2 m do urutau. Os bem-te-vis vocalizavam continuamente, e um deles ergueu seu topete de forma acentuada. Os tico-ticos foram os que permaneceram mais distantes, cerca de 4 m. Apesar de todo barulho e das ameaças dirigidas para si, o urutau permaneceu como estava, sem se mover. Após pouco mais de 5 minutos, os sabiás-do-campo deixaram a árvore, e as outras aves também foram embora. Os últimos a deixarem o local foram os tico-ticos. Até às 18:00 h nenhuma ave voltou ao local. Já estava escurecendo, e encerrei a observação. Voltei ao local às 21:00 h, e pude ver que o urutau ainda permanecia no mesmo galho, na mesma posição.

A observação ocorreu na estação de seca em Brasília, quando não se espera que nenhuma das espécies envolvidas esteja em reprodução. Procurei por ninhos na área, mas não encontrei nenhum. Como urutaus são noturnos e insetívoros, o *mobbing* não foi dirigido a um predador que representasse qualquer ameaça a qualquer ave do grupo agressor. É improvável que o urutau tenha sido confundido com um predador, pois já foi demonstrado em estudos que as aves conseguem diferenciar precisamente predadores de não-predadores. Mesmo considerando que talvez alguma característica do urutau tenha sido suficiente para que o grupo de sabiás-do-campo associasse o urutau a uma possível ameaça, como uma coruja, por exemplo, é importante notar que havia um par de corujas-buraqueiras (*Athene cunicularia*) pousadas a aproximadamente 10 m da árvore em que o *mobbing* ocorreu. Apesar de as corujas estarem bem visíveis, não houve nenhuma manifestação do grupo de aves direcionada a elas.



Como urutaus não são comuns na área, é possível que o *mobbing* tenha sido iniciado com o propósito de avaliar os riscos que aquela ave poderia apresentar para o grupo de sabiás-do-campo. Os riscos associados à aproximação de um animal desconhecido e potencialmente perigoso seriam recompensados pela informação sobre como lidar com ele num próximo encontro. Seria uma espécie de investimento, onde o custo imediato seria coberto pelo benefício de responder adequadamente ao mesmo estímulo no futuro.

É possível, ainda, que os sabiás-do-campo tenham reconhecido o urutau como inofensivo. Entretanto, o *mobbing* pode ter servido para que determinados indivíduos do grupo (os que se

aproximaram mais e participaram com mais ênfase) exibissem aos demais sua coragem (fictícia), seus atributos físicos ou outra qualidade importante para manter ou ascender socialmente no grupo.

As diferentes hipóteses que tentam explicar o *mobbing* não são exclusivas. Apesar de esse comportamento não ser raro, estudos mais detalhados são necessários para desvendar todas as sutilezas associadas a ele. Fatores como a espécie que inicia as ameaças, o número de indivíduos envolvidos, o sexo, a idade, a experiência, a estrutura e a dinâmica do grupo, se há realmente ataque, a espécie do animal importunado e a época do ano podem ser considerados detalhes sem maior importância na compreensão do *mobbing*. Mas possivelmente essas sutilezas permitirão compreender suas funções sociais e evolutivas, esclarecendo esse comportamento contraditório em que possíveis presas se aproximam e molestam um predador ao invés de simplesmente fugirem de perto do perigo.

#### Artigos relacionados:

- Altman, S. A. 1956. Avian mobbing behavior and predator recognition. *The Condor* 58(4):241-253
- Balda, R. P. e Bateman, G. C. 1973. Unusual mobbing behavior by incubating piñon jays. *Condor* 75(2):251-252.
- Denson, R. D. 1979. Owl predation on a mobbing crow. *Wilson Bulletin* 91(1):133
- Graw, B. e Manser, M. B. 2007. The function of mobbing in cooperative meerkats. *Animal Behaviour* 74 (3): 507-517
- Guillory, H. D. e Leblanc, D. J. 1975. Mobbing and other interspecific aggression by Barn Swallows. *Wilson Bulletin* 87(1):110-112.
- Lopes, E. V. and Anjos, L. 2005. Observações sobre a reprodução de *Nyctibius griseus* no campus da Universidade Estadual de Londrina, norte do Paraná. *Araçajuba* 13(1):109-112.
- Motta-Junior, J. C. 2007. Ferruginous Pygmy-owl (*Glaucidium brasilianum*) predation on a mobbing Fork-tailed Flycatcher (*Tyrannus savana*) in Southeast Brazil. *Biota Neotropica* 7 (2): p. 321-324